

mario CHAGAS

água
salobra



mário vê o rio passar como um poema sem fim e vai navegando por ele e escrevendo com o remo ora fora das águas ora dentro delas. assim vai reunindo estes dois universos, um real e cotidiano e outro imaginário, cheio de surpresas, até chegar ao oceano, quando as margens se encontram, exatamente porque se dilataram ao máximo. este poema-rio não deságua nunca, seu percurso é seu destino e assim corre para sempre e para todos os lados. foi concebido para permanecer seguindo e reunir origem e gênese em um mesmo caminho. mesmo em terra firme o rio é quem leva e nele vão ressurgindo as memórias de todos os tempos, algumas efêmeras e outras que perduram, como ilhas, como histórias que guardam outros poemas ainda submersos.

xico chaves

marcado pela experiência artística das décadas de 1960, 1970 e 1980, mário traz incorporada em cada página de seus livros a força libertária daquele período. muito mais do que incômoda influência do passado, mário resgata possibilidades quase esquecidas de futuro ao oferecer, em sua poética individual, novas e originais maneiras de se olhar para uma tradição coletiva, a que, talvez, todos nós devêssemos dar maior atenção.

álvaro marins

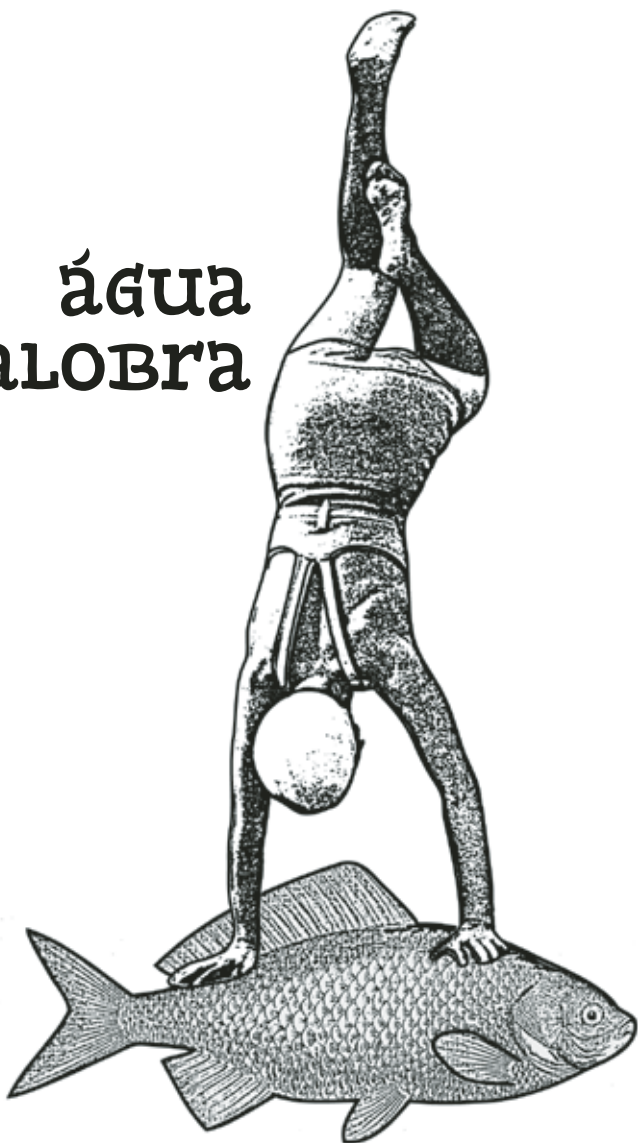
mario CHAGAS

água
salobra



mario CHAGAS

água
salobra



rio de Janeiro - 2015

copyleft © mario chagas, 2015
todas as p-artes do livro
podem ser copiadas
reproduzidas e distribuídas ao vivo
e em qualquer cor-ação
não está autorizado
o uso ancorado no princípio lucrativo
esse não é o espírito do livro

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES: marcia mattos | espirógrafo editorial
TIPOLOGIAS: d.i.y. time slab (latinotype) e adriane text (typefolio)

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C433a Chagas, Mario de Souza, 1956-.
Água salobra / Mario Chagas. - Rio de Janeiro :
Espirógrafo Editorial, 2015.

128 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-68002-03-2

Poesia brasileira. I. Título.

CDD – B869.1
CDU – 869.0-1

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

Espirógrafo Editorial
espirografoeditorial@gmail.com

|
—

*e despenca a chuva de deus:
o espaço num átimo se enche de ar leviano
e a água lava até a espinha da gente
e encrespa a crina do animal.
que gostosura!*

mario de andrade

8 DEPOIS DO LINGUA DE FOGO, O ÁGUA SALOBR

21 POROROCA (À GUIA DE APRESENTAÇÃO)

29 a vida às margens do rio

- 31 vozes do rio
- 32 rio da minha casa
- 33 hexagrama
- 34 barracão
- 35 lenda da rua santana
- 37 hálito de usineiro
- 38 José do rio
- 39 curimãs e saunas
- 40 tarrafa e Jereré
- 41 cisma do velho da favela do formigueiro
- 42 dom do rio
- 43 metafísica
- 44 devir
- 45 desobediência civil
- 46 meditação de cioba
- 47 rio do cartão

49 verão

- 50 oralha
- 51 dedilhatória
- 53 ioga dos olhos
- 65 ioga dos chacras
- 73 ioga da borboleta e da mariposa

87 FÓRMULA um

- 80 FÓRMULA Índia
- 90 FOLHAS NO ASFALTO
- 92 ANSIEDADE
- 94 VELOCIDADE
- 95 amor & âncoras
- 96 NAMORADA DO PILOTO
- 98 amar em LINHA
- 99 PEDRO i
- 100 PEDRO ii
- 101 acidente
- 102 PACE
- 103 PEDRAS
- 104 elegia
- 105 radar
- 106 d.P. JAPÃO
- 107 roda sufi
- 108 meio da corrida
- 109 vômito
- 110 CONFISSÃO DE PEDRA
- 111 DISCURSO DO mecÂNICO ESPANHOL
- 114 vitória
- 115 estrada da GÁVEA
- 117 PÍT STOP
- 118 Para Narciso e orquestra
(com voz de DUPLA DUPLÍCY)
- 120 estoril
- 124 PILOTO NÃO CLASSIFICADO
- 125 mãe morta
- 126 Pai morto

DEPOIS DO *LÍNGUA DE FOGO*, O *ÁGUA SALOBRA*

MARIO CHAGAS, para quem ainda não conhece, é o autor de um magnífico poema dramático chamado “vaga-lume em memória”, onde, em nove belíssimos cantos, registra para sempre, em sofrida forma poética, o bárbaro assassinato do índio Galdino por quatro jovens da alta classe média de Brasília.

O poema está em seu livro *língua de fogo*, publicado em 2008. Ainda nesse mesmo volume, pode ser lido outro poema de requintada fatura denominado “desapego”, parte da seção “contra a barbárie”. Cito esses dois poemas de obra anterior nesta apresentação de *água salobra* porque eles me parecem emblemáticos dentro da poética do autor. Em alguma medida, eles desdobram-se caleidoscopicamente no livro seguinte.

O “vaga-lume em memória” diz de um poeta que não se evade do presente e que se deixa contaminar voluntariamente pela vida contemporânea. Nesse sentido, é fácil perceber uma perspectiva poética que não se nega ao engajamento nem ao compromisso do poeta de olhar criticamente para o que acontece a sua volta.

Já “desapego” lembra ao leitor que a poesia será sempre a linguagem da surpresa e do espanto. A poesia

permite ao indivíduo olhar o real de um ângulo inusitado. E a maior ou menor capacidade do poeta de traduzir a poesia do mundo em poema é o que revela seu valor. Todos nós somos capazes de perceber, sentir, vivenciar o poético, mas apenas os poetas podem dar ao poético uma forma original, forma essa capaz de suscitar em nós algo que já havia, mas que ainda não pudera se manifestar. Essa forma é o poema.

Quando alcança essa intimidade última do leitor, o poema encontra assim, a cada leitura, o sentido de sua existência. O poema, tradução do poético na forma do verbal, não existe sem a dura lida do poeta com o idioma e com as palavras que o afligem e povoam sua imaginação.

O poeta imagina novas formas de dizer o mundo. E nesse novo dizer, ele, literalmente, recria o mundo. O poeta só diz o ainda não dito. O poeta recria a língua e suas possibilidades a cada verso. A língua do mundo só se renova e se refresca dos condicionamentos da comunicação cotidiana quando manipulada pela sensibilidade do artista. E ao trabalhar a língua do mundo na forja do poético o poeta sugere novas possibilidades de leitura do mundo.

A língua do mundo, por seu pragmatismo, tende a embrutecer o homem e a tornar-se vazia; cabe ao poeta criar contradiscursos lúdicos que causem espanto e que coloquem o indivíduo em situação de desconforto diante do óbvio e do banal. “Desapego” é um poema desta natureza. É um poema que ousa desdizer ironicamente de uma atitude de complacência passiva diante do que deveria causar revolta. Mas o discurso da revolta perde sua eficácia ao repetir-se monotona-mente. O poeta então radicaliza o embrutecimento do olhar para o mundo-cão e “inclina-se reverentemente” diante dele.

(...)

*inclino-me reverentemente diante dos mendigos
em suas peles sujas e fedorentas
está escrita a história da riqueza*

(...)

*inclino-me reverentemente
diante dos sacerdotes e militares vendilhões
dos sindicalistas mexilhões
das modelos cortesãs*

(...)

A partir da inusitada reverência diante do *irreverenciável*, o poeta surpreende o leitor em sua atitude “conformista” e *quase* reverente em relação ao mundo em que vivemos. O poema em sua complexa artesanaria dialoga com Fernando Pessoa (o Álvaro de Campos, autor de “Tabacaria”) — “é possível ser campeão em tudo/ e ainda assim ser cheio de nada” —, sem deixar

de lembrar, sociologicamente, que o funcionamento da “máquina do mundo” repousa sobre os pressupostos teóricos da “mão invisível” entrevista por Adam Smith — uma vez que o eu-lírico espera “que a libertação do sofrimento decorrente do apego à ideia de / um eu seja beijo gozo e regozijo para todos os seres viventes”.

A poética de Mario Chagas opera conscientemente em um duplo diálogo: com o mundo e com as tradições poéticas. O poeta Mario, sensível à poética do mundo e criador de poemas sobre o mundo, é também um atento leitor de poemas. Por isso, em cada poema seu podemos perceber o jogo intertextual sempre presente. Seus poemas, não raro, dizem a que vieram, de onde vieram e *com quem* vieram. Não é uma poética de ruptura com o passado literário, ou de pura inspiração, nem tampouco inocente. O *leitor* Mario está o tempo todo ao lado do *criador* Mario.

Nem por isso estamos diante de uma poética passiva, dócil ou reverente diante da tradição literária. Pelo contrário. Se, por um lado, mostra-se respeitoso diante do legado que admira, por outro, trava um diálogo bastante irreverente, atrevido mesmo, com os poetas que *acompanham*. Algumas vezes, este diálogo pode mostrar-se na forma pura e simples da citação, da paródia ou da ironia, mas em outras, pode transfigurar-se na mais desafortada *apropriação*.

Em seu furor poético, podem surgir, transfigurados nos versos de Chagas, tanto a verve de um poeta retórico como Whitman, de poemas quilométricos, quanto o aroma sutil de um poeta budista como Bashô, cujos haicais resolvem-se em três versos.

Aí chegamos a um aspecto interessante da obra poética de Mario Chagas: a elasticidade de seus recursos formais. Se em *língua de fogo* predominam os poemas longos e dramáticos, em *água salobra* há uma presença generosa de haicais. Neste segundo livro, embora esteja bastante presente a forma do poema longo encadeado por cantos menores, como no caso da seção “a vida às margens do rio”, há uma parte significativa do livro composta por poemas curtos, muitos deles adotando a forma fixa do haikai. Na seção “verão”, totalmente dedicada ao haikai, podemos eleger alguns dos momentos altos do volume. Agradam-me, sobretudo, aqueles em que as sugestões sinestésicas se apresentam de forma mais explícita à percepção do leitor. Vejamos uma sequência de exemplos para percebermos melhor esse aspecto.

*rabisco hibiscos
num piscar
de olhos*

...
*flores de viagem
invadem a cor do olhar
vago aroma*

...
*ontem comi frutos do mar
hoje como peixes
num prato de flores*

...
*pontal do atalaia
poente
flores de ouro boiando no mar*

...
flores tropicais de plástico
folhas de papel crepom
alguém assovia o trem caipira
...

Lendo-se a sequência, percebe-se que eles se encadeiam pelo sentido do olhar, mas em cada um deles este sentido dialoga sinestesticamente com outros sentidos. No primeiro haikai, o verso “rabisco hibiscos” sugere sonoramente o som do movimento rápido do lápis sobre o papel, habilidosamente sustentado pela aliteração (-*bisco*, -*biscos*), que reverbera ainda no verbo *piscar* do segundo verso. Esse mesmo verbo será responsável ainda pela transição sinestésica do sentido da audição para o da visão, completado pelo terceiro e último verso da estrofe — “de olhos”.

Em uma leitura que se aventure a penetrar as camadas mais profundas do poema é possível perceber que o poeta consegue colher (e *revelar*), em um aparentemente desprezioso instantâneo da vida cotidiana, a essência mais profunda do haikai (um híbrido de pintura, caligrafia e “epifania” budista).

O poeta que *rabisca/pinta* hibiscos cria, ao mesmo tempo, um poema em que percebe a si mesmo em um movimento *quase* involuntário; movimento esse que produz no observador o espanto de *ver* a incrível capacidade de movimento daquele que *se desprende* de seu ego quando pisca os olhos. Afinal, *quem* conduz a mão que age no momento em que não podemos vê-la agindo — quando os olhos se fecham por uma diminuta fração de segundo?

O sentido da visão também ocupa o centro do segundo poema. Todavia, a sua presença, *visível* no segundo verso do poema — “a cor do olhar”, perde espaço quando é sutilmente invadida pelo vago *aroma* das flores *vistas* ao longo da viagem. Na própria feitura do poema, o que parecia força (o sentido da visão) foi facilmente deslocado “para fora do texto” por algo completamente *impalpável*. As flores deixam de ser *algo que se vê* e passam a ser *algo que se inala*.

Mais uma vez, os elementos do ensinamento zen encontram-se presentes: as flores (mandalas naturais e, por conseguinte, vias para a iluminação, segundo a tradição oriental) aparecem como motivo de uma criação que lembra ao leitor (ou seria ao discípulo?) que o que é forte e visível pode facilmente ser posto de lado pelo que parece fraco e invisível. A dinâmica *yin/yang*, talvez pouco visível em uma primeira leitura, pode eclodir, quem sabe, em um piscar de olhos.

No terceiro poema da sequência, o poeta opera no terreno da transição; o próprio poema, *aparentemente*, parece romper com a atmosfera que vinha se *dese-
nhando* nos poemas anteriores. Mas só aparentemente. O jogo de opostos visível/invisível, representação simbólica dos princípios opostos e complementares do *yin* e do *yang*, revela-se agora no par *ontem/hoje*. O jogo sinestésico também permanece na estrutura da sequência, embora, neste poema, os versos focalizem de forma muito evidente o sentido do paladar (“comi frutos do mar”; “como peixes”). Isso porque mostra-se evidente o apelo visual como pano de fundo estrutural do poema, a partir da força visualmente expressiva de

palavras como *frutos*, *mar*, *peixes*, *prato* e as já recorrentes *flores*. São palavras tão comuns na língua portuguesa que se tornaram signos linguísticos tão *visuais* quanto *gráficos*.

Por outro lado, esta utilização de palavras com forte expressividade icônica lembra o caráter ideográfico da escrita chinesa, da qual se originou a escrita japonesa, berço linguístico da tradição do haicai.

Não pode deixar de ser mencionado ainda o eco discreto das aliterações contidas nos pares *frutos/flores* e *peixes/pratos*, bem como a referência à pintura caligráfica do verso “num prato de flores”. Este último verso confere ao poema uma graciosa imprecisão, muito comum nesta forma de poema oriunda do Oriente. Seria um prato *enfeitado* com flores ou estas flores estariam *pintadas* nele? De uma forma ou de outra, seria *fruto* de uma sensibilidade estética, estimulada pelo prazer simples de olhar um prato *com* flores.

O quarto poema “abrasileira” a forma do haicai, pois Chagas a utiliza para *olhar* um poente no “pontal do atalaia”. As aliterações continuam presentes (*pontal/atalaia*; *pontal/poente*), tal como, *no encadeamento* dos poemas, as *flores* e, agora, o *mar*. E os princípios opostos e complementares do *yin/yang*?, pergunto-me. Estão presentes na *ausente* palavra *sol*, cuja *presença* encontra-se no *poente* e nas flores *de ouro*, que boiam (brilham?) no mar. “E o diálogo sinestésico?”, perguntaria um leitor mais rigoroso e um pouco sisudo. Estaria no delicado toque (tato) do mar que sustenta as “flores de ouro” que olhamos boiar no mar, durante o poente descrito (pintado?) pelo poeta.

O sentido do tato desdobra-se para o quinto poema da sequência e dele ocupa o centro (“plástico” e “crepom”), deixando o sentido da visão em segundo plano (“flores” e “folhas”), pois é a *qualidade* das flores e folhas que está enfatizada nos dois primeiros versos. O jogo de aparências aparece com muita força neste haikai. As flores *iludem* o olhar e *parecem* “tropicais”. O poema sugere que, se as *tocarmos*, perceberemos que são “de plástico”.

O mesmo pode ser dito em relação às palavras. Por vezes, parecem dizer algo, quando, na realidade, estão dizendo outra coisa. É justamente o que ocorre nesse poema com a palavra *folhas*. A proximidade dela com a palavra *flores* contamina sua semântica, podendo induzir o leitor a lê-la dentro do universo botânico. Mas, tal como as flores do primeiro verso, trata-se de uma ilusão. As flores são de plástico, e as folhas são de papel crepom.

Como a querer disfarçar a autoria da brincadeira, “*alguém* assovia o trem caípira”. Neste haikai adentramos ainda mais no terreno da *imprecisão*. Nada é o que parece; *quem* assovia a *melodia* de Villa-Lobos (repare o leitor em mais uma marca de abasileiramento), *onde* se passa a *cena* do poema, *do que* o poeta está falando?

Típico poema zen, este haikai mexe com os sentidos do leitor e o mergulha, inesperadamente, em um universo de incertezas.

A sequência se desdobra em mais vinte e dois haicais, muito se assemelhando à forma do *henga* japonês. Esta forma de poema coletivo era criada à semelhança dos desafios da literatura de cordel nordestina, onde dois poetas cantadores improvisam versos sobre o

mesmo tema, em um espírito de confronto e virtuosismo. A diferença é que no *henga* era maior o número de poetas participantes e o virtuosismo consistia justamente em, a cada haikai, manter o diálogo com o “mote” principal e com o haikai anterior, e ter como pano de fundo indispensável os ensinamentos zen.

Seria este aspecto de *água salobra* uma influência do saudoso Leminski? Provavelmente, sim. Da mesma forma que os poemas dedicados ao rio nos remetem à igualmente saudosa memória de João Cabral e a seus versos dedicados aos rios de Pernambuco.

Mas o universo lírico de Mario Chagas é amplo. Na leitura de “lenda da rua santana”, uma leitora de Saramago pode, por exemplo, lembrar de algum personagem fantástico da maravilhosa narrativa de *A Jangada de pedra* (Pedro Orce?), ou de alguma outra figura do igualmente mágico *Cem anos de solidão*, do colombiano Gabriel García Marquez.

Tais referências, longe de tornarem-se motivo de angústia para o poeta, revelam, na verdade, um poeta maduro que, com audaciosa liberdade, colhe, na experiência dos antecessores e contemporâneos, motivos para redimensionar em novas formas os *brinquedos poéticos* alheios.

É de se perceber também nos poemas de *água salobra* uma flexibilidade pouco comum em poetas de cunho mais erudito, como é o caso do autor desta coletânea. Se até aqui mencionamos apenas os chamados autores clássicos no cadinho poético de Chagas, isto não significa, em absoluto, que ele nutra uma indiferença pelos poetas populares. Vez por outra, Mario utiliza-se na

maior sem-cerimônia de versos pertencentes a Caetano Veloso, Nelson Cavaquinho, ou mesmo a figuras um tanto folclóricas, como o lendário Profeta Gentileza.

Nesse sentido, não escapa à perspicácia do leitor mais atento o fato de Mario Chagas pertencer, geracionalmente, a um período fortemente marcado pela novidade tropicalista e por toda a experiência artística das décadas de 1960, 1970 e 1980. E como marca desse rico período da cultura brasileira temos um encontro muito proveitoso entre as formas populares e eruditas em suas variadas manifestações: na música popular (vide Caetano, Chico, Gil e Milton); na chamada poesia marginal (pela via da oralidade modernista repaginada); no Cinema Novo (Glauber, Rui Guerra, Nelson); e nas aventuras teatrais lideradas por Augusto Boal e José Celso Martinez Corrêa.

Filho tardio dessa época, Mario traz incorporada em cada página de seus livros a força libertária daquele período. Muito mais do que incômoda influência do passado, Mario resgata possibilidades quase esquecidas de futuro ao oferecer, em sua poética individual, novas e originais maneiras de se olhar para uma tradição coletiva, a que, talvez, todos nós devêssemos dar maior atenção.

Não pode deixar de ser dito antes no término desta apresentação que Mario Chagas é museólogo respeitado, reconhecido dentro e fora do Brasil, e professor das cadeiras de Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Nessa área do conhecimento publicou importantes livros, tais como *Há uma gota de sangue em cada museu* e *A imaginação museal*, para

citar apenas dois. É também doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e um dos criadores do Instituto Brasileiro de Museus.

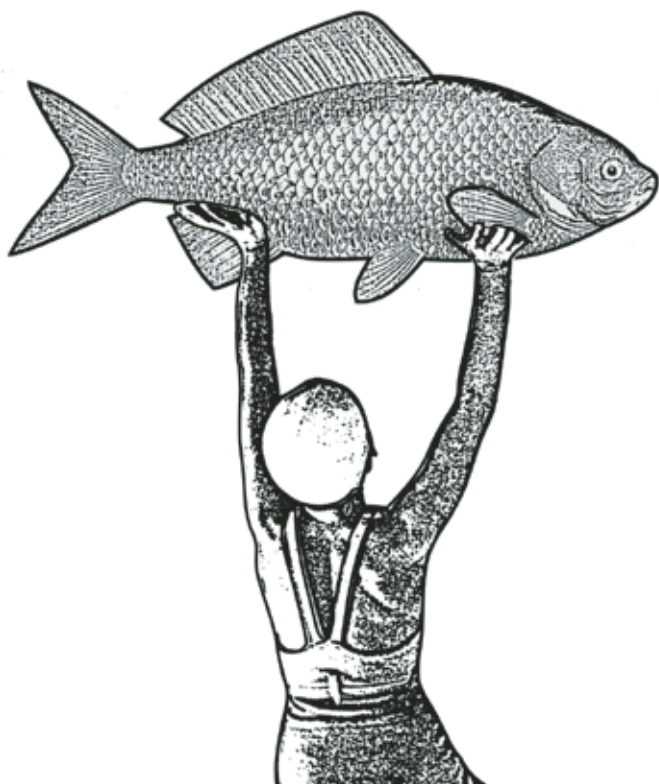
Quem já o conhece como museólogo se surpreenderá positivamente ao conhecer esta sua contraface de poeta, e provavelmente passará a compreender melhor sua *poética museológica*. Perceberá ainda o quanto existe do museólogo entrevistado nos *objetos* criados pelo poeta, em diálogo contínuo e coletivo com a *poética das coisas*.

Por fim, devo dizer que a leitura de *água salobra* me estimula a re-olhar os poemas que o compõem sempre com redobrado carinho e atenção. Gostaria de dizer um pouco sobre o uso do trocadilho nos poemas da seção “Rodador”; sobre presença das referências mitológicas e dos mitos ao longo de todo o livro; sobre a utilização irreverente das notas de pé de página como matéria poética; mas este meu “panegírico” já se mostra por demais extenso e, sem mais delongas, convido o leitor e a leitora a iniciarem imediatamente a leitura deste *henga* do Mario Chagas, e a colherem suas próprias impressões.

Álvaro Marins
Brasília, 28 de julho de 2010

POROROCA

(à guisa de apresentação)



i

algo nessa água
é sal
algo é obra

ii

salgo a água
abro o sol
obro com palavras

iii

abro o sal
salgo a broa
palavras obram

iv

saúdo a água
salobra que bebo
desde o ventre da mãe

v

nessa água algo
é doce
algo é sobra

vi

e esse estrondo
e esse encontro
desejado e esperado

extraordinário

e esse mar adentro
e esse rio afora
e essas águas mestiças

vii

(autorretrato)

rio.mar.amar.o.rio.mar.é.mar.amar.é.rio.rio.é.mar.é.
rio.é.amar.o.mar.e.o.rio.rio.do.rio.mar.do.mar.rio.do.
mar.da.maré.do.mar.do.rio.impossível.domar.
o.rio.de.janeiro.rio.de.janeiro.a.janeiro.rio.da.impos
sibilidade.de.domar.o.riorioriorioriorioriorioriorio
rioriorioriorioriorioriorioriorioriorioriorioriori

ori
rio
oir

ram
mar
rma

marmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmar
marmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmarmar.
é.rio.maré.é.rio.amar.é.rindo.a.alegria.do.rio.
é.arma.para.desarmar.o.rio.rio.é.marca.
amar.o.rio.é.carma.amar.é.rama.krishna.hare.
rama.hare.krishna.amar.é.remar.na.ria.no.rio.
na.rua.a.favor.do.museu.da.maré.mar.rio.mar.rio.

**a vida às
margens do rio**



*por mais que olhes o rio
que corre pesadamente diante de ti
nunca verás as mesmas águas.
nunca regressa a água que passa.
nem uma só gota volta à sua nascente.*

bertolt brecht

*como tenho que ganhar o pão de cada dia e ainda não comi
hoje, pensei em ir pescar. eis a verdadeira atividade para
poetas. é o único ofício que aprendi. venha, vamos pescar.*

henry david thoreau

vozes do rio

todo dia o rio passa
por dentro da minha casa
entra sem pedir licença
pelas janelas da sala
eu lhe faço reverência
às vezes o rio fala

as vozes que vêm do rio
bordam as suas margens
às vezes contam histórias
às vezes pedem socorro
falam de águas passadas
movendo moinho novo

as vozes que vêm do rio
falam de secas e enchentes
de areia que vira casa
de peixe que vira gente
de monstros de fibra plástica
e de meninos doentes

falam de fugas de escravos
em balsas cheias de feno
de barcos alucinados
e de barqueiros sem remo
de meninos afogados
brincando em outro reino

rio da minha casa

o rio da minha casa
cedo desce pro mar

à tardinha
cansadas de marejar
águas que nunca foram
voltam pro mesmo lugar

o rio da minha casa
é danado de enganar

mesmo
quando recua
nunca
deixa de avançar

hexagrama¹



quem te vê em poções
crê na perseverança
na dança abismal

água
sobre
água

encurralada
aprimorada
e crescendo

crescendo

abismo
após
abismo

água
dança
devir

1 a aplicação desse hexagrama limpa olho d'água, boca de rio e cu de serpente.

barracão

o barracão do josé

na beira do rio

diz que ele se casou

com maria da maré

na maré seu josé

teve dois líquidos filhos

um é zé pescador

outro água do rio

balançando
balançando

lenda da rua santana

no fim da rua santana
conta-se que numa noite
de lua quarto-crescente
seu josé ainda dormindo
levantou-se do mocambo
e num transe sonâmbulo
encaminhou-se pro rio

pé ante pé seu josé
andando sobre as águas
atravessou a maré
do rio pro outro lado

vieram cientistas
do norte
do sul
do mundo
mediram o rio
no raso
e
no profundo
alvoroçados pediram
:
repita seu zé repita
seu zé repita
repita
o ato paranormal

expulsando os doutores
do seu mocambo de restos
o velho José repetia

:

tudo isso é invencionice
eu não sou de caminhar
sobre as águas meu ofício
é remar remar remar

hálito de usineiro

o hálito de peçonha
que às vezes o rio emana
não vem da boca do rio
vem da cloaca da usina
que também é boca humana

o rio em si é incorrupto
por mais que o usineiro queira
vestir os peixes de luto

por mais que pareça estranho
ao gesto de destruir
gigoga fezes e urina
vinhoto e inseticida
não maculam o ser do rio

é próprio
do rio
fluir

josé do rio

de uma margem para a outra
o barqueiro corta o rio
vai e vem
dia e noite
o barqueiro corta o rio

de um dia ao outro dia
o rio corta o barqueiro
margem a margem
marginália
o rio corta o barqueiro

e ambos assim cortados
seguem de braços dados
ele crucificado no braço da maré
a maré crucipassada
no abraço do seu josé

curimãs e saúnas

as curimãs e saúnas
brincam de pique-esconde
saltam fora da água
e depois nadam pra longe

o pescador é aranha
sobe no fio do rio

e desce

com a tarrafa presa à boca
vive e morre do que tece

tarrafa e jereré

quanta ciência vejo
nos olhos do seu José
na forma como ele faz
e arma seu jereré

no chumbo de sua tarrafa
quanta ciência existe
parece que toda a vida
em pescar pescar consiste

cisma do velho da favela do formigueiro

a felicidade está no outro lado do rio
o amor também está no outro lado do rio
tudo o que quero está no outro lado do rio
se eu estivesse lá no outro lado do rio
o lado de cá seria o outro lado do rio

dom do rio

o rio tem um dom estranho
tanto mata quanto salva
afasta tanto e aproxima
tanto suja quanto limpa
de dia ele me confunde
de noite ele me ilumina

metafísica

interrogo o ser do rio
quando a maré é vazante
logo no tempo seguinte
se a maré volta a encher
o rio em mim se revela
o ser do rio é o ser

devir

o rio também tem sonhos
mesmo sem ter dormir
em seu leito de areia
ele sonha com o devir

o devir do rio é deus
esse oceano sem praias
todo formado de eus
e revestido de maya

o rio sou eu revelado
decidido a não voltar
tanto mais próximo chego
mais sinto a força do mar

desobediência civil

cortando latifúndios
o rio é mestre
na arte da não-violência

driblando obstáculos
o rio é mestre
na técnica da não-resistência

lavando miasmas
o rio é mestre
no exercício da independência

de poções ao Recife
o rio é mestre
na ética da desobediência

meditação de cioba

se mordo a isca
não chego ao cais

rio do cartão

na banca de jornal
o rio faz pose
num close todo especial
ali suspenso
o rio é do turista
que adora consumir cartão postal

não digo
é falso o rio do turista
digo apenas que não tem a cor real
não exala o cheiro de podre
nem tem cioba brincando de esconde
como aquele lá do fundo do quintal

verão



*nos fios tensos da pauta de metal
as andorinhas gritam
por falta de uma clave de sol*

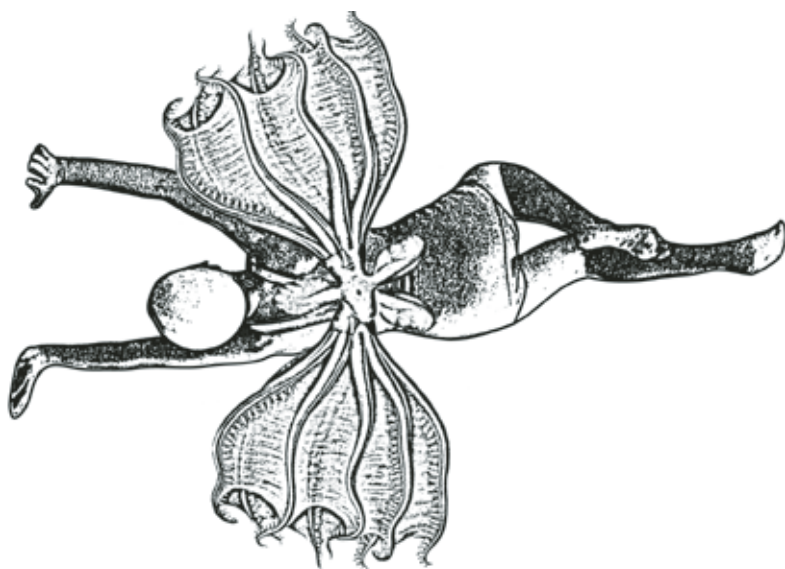
cassiano ricardo

orelha

pé da orelha peito do pé céu da boca boca do estômago
barriga da perna menina dos olhos olho do cu
o corpo é surreal



IOGA DOS OLHOS



rabisco hibiscos
num piscar
de olhos

flores de viagem
invadem a cor do olhar
vago aroma

ontem comi frutos do mar
hoje como peixes
num prato de flores

pontal do atalaia
poente
flores de ouro boiando no mar

flores tropicais de plástico
folhas de papel crepom
alguém assovia o trem caipira

quando você me sorriu
com olhos de relva
entrei num movimento verde

a bem amada
sabe que o bem me quer
bem me cabe

não poupo gestos
apalpo a fruta
antes de morder a polpa

no cruzamento
quando seus olhos abrem verdes
eu vou em frente

praça onze não mangues de mim
se me encanto com hibiscos
guardiões do esgoto



IOGA DOS CHACRAS

ao pé da coluna de fogo
falo
da cobra que comanda o mundo

um passo adiante
travesso atravesso
o arco-íris

porta bandeira do astral
o mestre sala roda
à flor do estandarte do umbigo

o coração do cardíaco
é o zodíaco
e não resiste ao signo do amor

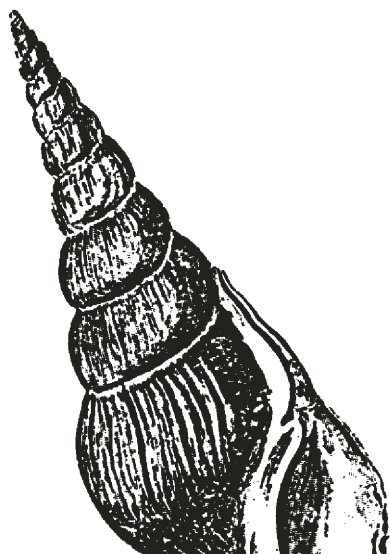
luzazul é a flor do lácio
perfumes e raízes lançados
na garganta da língua

o terceiro olho não pisca
pesca
a isca é poesia

topo cocuruto moleira
cocar diadema
vitória régia coroa tupã²

² viva o povo que canta: “é tupã no céu e os índios na terra. quero ver quem pode mais. pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro”.

**IOGA DA
BORBOLETA e
DA MARIPOSA**



a luz
reluz
na luz da arandela

luz bel
ara bel
arabela

que mariposa
quer se queimar
na luz da vela?

a tatuagem da borboleta
sonha um tempo
de amor livre

estrela se apaga
pagão se ilumina
minha vez há de chegar

que ciência há
no sorriso solar
de florinda?

não há ciência há arte
o sorriso nela é o todo
e não a parte.

hibisco na cozinha
combina
com marisco

mesmo que a palavra encolha
escolha outro sentido
colher palavras é ofício de passarinho³

3 também pode ser ofício de répteis, de mamíferos – ornitorrincos, baleias, sereias -, de frutos do mar e dos rios – hipocampos, estrelas, caravelas -, de insetos – libélulas, mosquitos, borboletas. isso não tem fim.

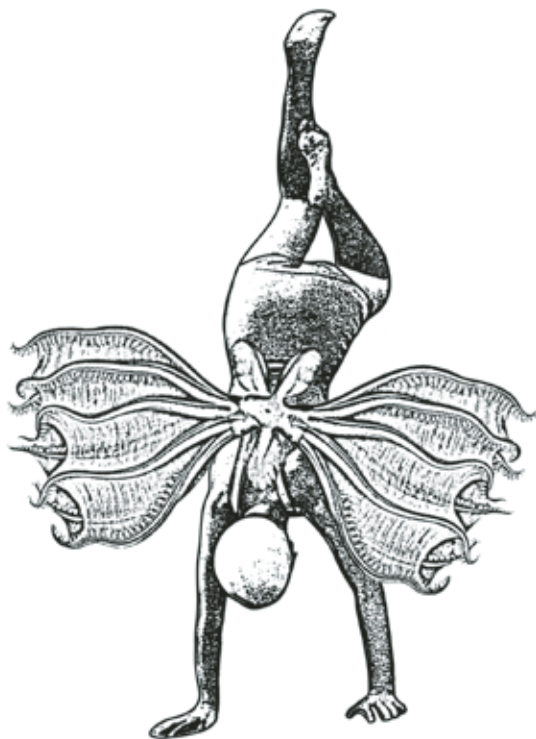
asa de xícara
ícaro asa delta
gente é feita pra voar

pipas me iniciam
no jogo do voo livre
pepê tá vivo

cores de viagem
invadem a flor do olhar
vago lume

pescaria
no verão
é bom

Fórmula um



stop
a vida parou
ou foi o automóvel?

carlos drummond de andrade

fórmula índia

o deus tutelar da roda
adora rodar ciranda

adora dança de roda
aliança com o espaço
que abraça a duração
e leva o tempo de roldão

o deus que legou a roda
ligou a roda à dor ao ardor
ao arado à ronda ao andor
às andorinhas fazedoras de verão

cirandeiro passageiro rodador
o meu deus é rodador

folhas no asfalto⁴

podemos caminhar de mãos dadas
walt whitman
cantando para o espírito para a alma e para o corpo
caminhando no sertão de homens e mulheres
celebrando a natureza a vida e a poesia

podemos cantar juntos
ombro a ombro
poeta das coisas do ar e do chão
de beijos e abraços
de longas molengas e improvisadas caminhadas
amigo que ensina a ver na folha que hai-cai
um universo em movimento

caídos folhas e anjos são indícios
cartas ao bebeléu
mapas de ritmos
poemas vivos lançados de um bimoto sobre a cidade
sua poética libertária subverte os caminhos de ferro
e também as estações

⁴ na alegria de encontrar o poema perdido há mais poesia que no poema perdido.

e faz em mim
em ti
onde e quando quer
primavera verão outono e inverno

poeta de barbas belas
tuas folhas ensinam
é cantando que se aprende a ver
é escutando que se aprende a cantar
a maya a manha a manhã dos poetas

o amanhã existe
mesmo quando o poeta desiste
a ilusão existe
e é real como o acidente de trânsito
como o canto das mídias
:
meio homem meio gueixa
meio ameixa meio amora meio peixa-fatal

escamas de peixes moedas
descamando o capital

podemos cantar de mãos dadas
walt whitman
enquanto for o mesmo o nosso desatino
mas não me leve a sério
nem me leve pelas mãos
pelos pés ou pelos braços
(também não gosto que me peguem pelos braços)
eu mesmo faço o meu mistério
e por ele hei de ir
sol
andando em bando e sempre só na multidão

ansiedade

com o incômodo
atacando as ventas

com a impaciência
pinicando a boca

com o desconforto
dentro do sapato

com o olhar centrado
no osso

aguardo
de bote armado

não mais o verso branco
mas o verso verde e rosa e mais

velocidade

submeto-me ao crivo da metáfora
a carcaça é diferente do chassi
o limão é diferente da laranja⁵
o tomate diferente do caqui
não sou bateria ou biela
também não sou parafuseta
nem mesmo sou rebimbela

submeto-me ao crivo da metáfora
a carroça é diferente do carro
a roda é diferente do pneu
o cuspe diferente do catarro
com a velocidade da ilusão
ando pilotando provas
sigo perseguindo quem sou eu

5 teu lar anja é no meu (a)braço

amor & âncoras

o amor não é para parceiros dóceis
que se abalam com os abalos da vida
e temem o tremor da morte
o amor como a coragem
tem âncoras no coração
e destina-se aos guerreiros
que jamais morrem em vão

namorada do piloto

vosmicê é tão bonita
minha borboleta amarela
tal qual um carro com asas
que entra na minha casa
passarinhando assobio
pelas pistas da janela

vosmicê é tão levada
minha gata borralheira
tal qual um conto de fadas
transformando num só toque
pedaços de jerimum
num potente benetton

vosmicê é tão querida
minha doce jaguatirica
vestida de tala larga
e aerofólio altaneiro
com um câmbio tão suave
como um lótus em botão

vosmicê é tão tão tão
minha saíra namorada
tão aérea e dinâmica
tão elegante nas linhas
tão competente nas curvas
que eu fico todinho tão

vosmicê é tão beleza
minha ferrari vermelha
que meu coração não resiste
ao ronco do seu motor
e eu só penso em rodar
em busca do seu amor

amar em linha

amo as curvas
pelo que são
esperança
fluxo
desejo
e incontinência
(venturas ocultas)

amo as retas pelo que são ânsia e chegada no
inconsistente horizonte

curva ou reta

tudo depende

da dimensão do amor de quem caminha

pedro i

amontoo pedras sobre pedras
perdas sobre perdas
e me lapido

pedro ii

que o dom de lapidar as perdas
não me deixe
nesta hora em que o peixe foge com o anzol

acidente

de tanto evitar o acidente
o acidente agora me evita
somente um beijo me tange
o beijo-mofo da rotina

ao tentar evitar o acidente
exato eu não sabia
tudo é acidente ou índice
desde a ilha à poesia

pace

pace passou pra outra pista
passa-passa passaraio
quem deixou pace passar?

se pace não for o da frente
não há de ser o de trás
trás-trás-trás-trás

lá em cima daquele morro
passa-piquet passa-senna
fittipaldi-já-passou
e pace não passará?

passa-passa gavião
passarinho-passarão
pace-pace avião
todo mundo é bom

ele
que foi mais
agora jaz
em pace

pedras

pedras sofrem de insônia

eternamente acordadas
vigiam o sono dos clones

pedras bebem e comem
pedras deitam e rolam
rindo da fome dos homens

pedras cantam e dançam
na balada dos stones

pedras guardam sonhos na barriga

elegia
para waldisa russo

o sol também fenece

ainda que sol

o sol também é fênix

e sempre sol

o sol também é fêmea

é mãe do sol

o sol também é flor

é girassol

radar

nas escadas do tempo
um com outros
que me habitam
invento descaminhos

tonto de vertigem
perspectiva alucinada
tanto mais subo
mais voô dentro

cada degrau
na escadaria do templo
abre nova escada

impossível a liberdade sem ardor
raio de sol potência de fuga
adorar pões a vida a rodar

g.p. japão

o vulcão nakagima sorri
plácido
sigo a rota do satori⁶

⁶ kerouac, currupac, coração, coração, mancocapac, paris. tudo está na pista.

roda sufi

não-é-fácil-ser-poeta-dançarino-sufi
rodar-e-rodar-e-rodar
rodar-e-dançar-com-os-planetas
não-é-fácil-ser-poeta-dançarino-sufi
rodar-e-rodar-e-rodar-e-rodar
rodar-e-dançar-com-os-cometas
não-é-fácil-ser-poeta-dançarino-sufi
rodar-e-rodar-e-rodar-e-rodar-e-rodar
rodar-e-dançar-com-os-gametas
num-tempo-que-combate-muçulmanos

meio da corrida

posso não subir ao pódio
posso descer ao poço
posso rodar na curva
só não posso deixar de ir em frente

posso não ter mais remédio
posso beber o ódio
posso sorver cicuta
só não posso deixar de ir em frente

posso não poder mais nada
posso morrer de tédio
posso temer a chuva
e ainda posso deixar de ir frente

vômito

tenho ânsias de vômito
diante do voo do mito

reconheço é bonito
o vômito do infinito

confissão de pedra

quando o meigo jeoshua
vendo a mulher seminua
riscou um peixe no chão
apontando para o ciclo
catou-me com a outra mão
ofereceu-me ao povo
dizendo: atire a pedra
aquele que livre se acha
desse contrato de risco

silêncio

confesso o medo que tive
daquele meigo dragão
recordo dos seios fartos
daquela bela mulher
lembro-me tremendo
no arco da palma da mão
(respiração adulterada)
confesso eu tive medo
do silêncio – multidão

discurso do mecânico espanhol

montado na maclaren
dando cavalo de pau
sonhava-se num corcel
todo enfeitado de fitas
ou num cavalo-marinho
perdido do bumba-meu-boi
navegava numa boa
pela boca da baleia
numa nau catarineta

corria atrás de dragões
sonhando com dulcineias
era um entre são jorges
cavalgando sobre ideias
sua dama era a rainha
diana das pastorinhas
diademada de amarelo
ele era o campeão
na batalha de monte castelo

ela era dulcineia
ele o quixote voador
se ela não era plateia
ele não era feliz
se ele era dante ela era beatriz
no inferno ele era orfeu
buscando o amor de eurídice
enquanto isso no box
girava o disse-me-disse

era dia de torneio
de argolinha e cavalhada
o torneio era o circuito
do reisado e da congada
na partida de repente
o pneu sempre encantava
um galope à beira-mar
um martelo agalopado
ou um coco de embolada

e nos dias de torneio
o capacete era o elmo
o macacão a armadura
o calçado era a espora
o assento era a sela
e ela era a formosura
o brasão era o brasão
o estandarte o estandarte
e a arte a aventura

montado em cavalos de força
sonhava com a pedra do reino
com a lança de lanceote
com a taça do santo graal
sob a taça havia um livro
que narrava as peripécias
de lohengrin-parsifal
sob o livro havia o trono
do campeão mundial

tudo corria bem
se bem que tudo corria
até a bandeirada final
bem estava o que bem acabava
na cabala que bem corria
caso não houvesse acidente
caso o motor não parasse
caso o pneu não furasse
caso o câmbio não quebrasse

no intervalo dos torneios
enquanto ele dormia
e sonhava e sonhava
ou mesmo enquanto brincava
contando moinhos e ovelhas
aí então meu engenho
de todo se revelava
como escudeiro fiel
eu apertava os parafusos

vitória

quando o piloto está pronto
a vitória amanhece
com asas de coragem e sorte
convites ao brinde
e ofertas espumantes à equipe

a derrota não importa
se o desafio é o móvel
batendo às portas do medo
cruzando as pistas do tempo
na corrida contra a morte

não é a cor da carcaça
ou a taça de champanhe
que alimenta o piloto
mas o mistério da curva
crescendo crescendo crescendo sempre

estrada da gávea

corrida de baratinhas
(chico landi acende sonhos)
e carros de rolimã
(firmino não fica atrás)
todo morro é devir

estrada-da-gávea-rocinha
becos-veias-artérias
ruas-ruelas-ruinhas
ruínas-e-florescimentos
rizomas-favelas-e-improvisações

fluxo de automóveis
(jacaré subiu no morro)
engarrafamentos de motos
carros ônibus e caminhões
(jacaré não quer descer)

caminho dos encantados
sagrados e sagrações
passagens e passarelas
lutas e ocupações
caminho das rezadeiras

das jaqueiras das mangueiras
plantas mágicas olhos d'água
paisagens mapas da alma
paredes e paredões de memória e sonho
quizilas e esquecimentos

araútos do caminho
esquinas-dobras-curvas
passagens-retas-quebradas
ladeiras de subir e descer
corridas abandonadas

estende-se sobre a estrada
uma outra estrada
vereda de desejos e grafites
varal de molejos e lembranças
museu de danças e cortejos

pit stop

me ocorre

que o carro

sou eu

infeliz

sofro em pensar

q u e

no próximo pit stop

o motor pode parar

para narciso e orquestra
(*com voz de supla suplicy*)

de silicone
construí meu corpo
como quem recria
um objeto de amor
toda dor
é não estar no outro
para me ver
obra que me fiz
toda tristeza
é não me crer no espelho
sempre não vejo aquilo que não vejo

ah!

se minha mãe não me desse meu não-ve-lo-cí-pe-de
eu não andava forçando os bíceps
e não correria nessa não-bicicleta
da academia

ah!

é tão triste ter um corpo pós-moderno
com a consciência tatuada no omoplata

(*dragão chinês*)

e não poder vê-la

ah!

é tão triste ter amigos pós-modernos
e não saber quem é clone de quem

meu consolo é o amor trans-moderno
das belas mulheres fixadas
nos calendários das lojas de auto-peças

estoril

i - nau

tudo o que sou (e nem o sou inteiro)
é um marinheiro de uma nau que vaga
no oceano de sonhos sem praias
e que só por teimosia não naufraga

esta teimosia não é minha
é de alguém que não vejo e não conheço
e que atado ao timão de mim
repete ao mar-de-sonhos: eu permaneço

quantas vezes à beira da tormenta
com as ondas-pedras a me afogar
eu desejei o naufrágio eterno
para em seguida querer despertar

ii.

o

r

t

a

hoje à tarde vou consultar a cartomante
vou saber o meu destino
vou saber o meu futuro
e o que me espera na esquina

para que vou à cartomante?
temo o desconhecido
nego o que desconheço
e já sei do futuro
o que é preciso saber

o meu destino é tão claro que me turva a vista
cego: nego o que não vejo
mas sempre desejo o que nego

o que sei é nada
e não sei se o que sei me basta

eu sei que a cartomante irá puxar do baralho
e irá dizer que sou eu
a sexta carta do taro
:
seu personagem central
não sendo louro era eu

cuspidado e escarrado

(se pelo menos eu me soubesse louro
pelo menos me saberia
pelo menos na indecisão)

depois de remoer sete dias
tonto em rotas do ser tão...
tenteando céu e mapa
querendo revelar fotos
e rever cartas
consegui uma entrevista com a verdade
:
tudo é mentira
o mundo é mentira

e hoje à tarde eu não vou à cartomante

iii - troféu

também meu corpo inteiro
é mutilado
como a estátua de um deus-
grego decepado

sem braços sem pernas
sem cabeça
sem sonhos sem sonos
em que adormeça

que rosto tenho? quem sou
afinal
que de ser tão singular
sou tão plural?

os olhos com que penso
são de alguém
que não sendo eu
sou eu também

por que estradas rolam
meus pedaços
rodando como eu
no meu encalço?

piloto não classificado

se não corro no interlagos
logo não existo
entre os lagos dos seus olhos

mãe morta

lendo segall

se você não gostava de mim
por que roubou minha bicicleta?⁷

minha mãe morreu

atropelada por um camelo
cabeceou o meio-fio
e multiplicou-se em faces

seu rosto não me abandonou

no dia do seu enterro
fui à praia
pisquei os olhos pro mar
deitei o corpo na areia
soltei os pelos no vento
maresia
maresia

adormeci no colo da mãe
acordei
chorei um tanto
e logo a mãe de todos
veio me amamentar

7 viva a sociedade alternativa! viva o anônimo genial! viva o poeta e o catador popular de papel de balas!

mãe morta

lendo segall

se você não gostava de mim
por que roubou minha bicicleta?⁷

minha mãe morreu

atropelada por um camelo
cabeceou o meio-fio
e multiplicou-se em faces

seu rosto não me abandonou

no dia do seu enterro
fui à praia
pisquei os olhos pro mar
deitei o corpo na areia
soltei os pelos no vento
maresia
maresia

adormeci no colo da mãe
acordei
chorei um tanto
e logo a mãe de todos
veio me amamentar

7 viva a sociedade alternativa! viva o anônimo genial! viva o poeta e o catador popular de papel de balas!

pai morto

olhando lorca

meu pai se chamava joão
e morreu
velho pescador de loucuras

esgotado de ouvir
as vozes das panelas
saturado do morno saber
da garrafa térmica

cansado de puir lençóis
e continuar lúcido
morreu vela de pavio longo

costurar ou sangrar a luz?
meu pai morreu
num dia de eleição
tocado enterrei um voto de luta

este livro foi impresso em outubro de 2015, durante os 450 anos da mui leal e heroica [e amada] cidade de são sebastião do rio de janeiro e como um registro dos setenta anos da viagem de longa duração de mario de andrade, o pai de macunaíma.



mario chagas. signo de água. rio que deságua
(ou não) no mar. encontro de mar e rio:
pororoca. devir pororoca. do olho d'água de cy
nasci, depois a terra nasceu em mim. o fogo,
que existia desde antes de mim e de minha
mãe cy, aqueceu a terra e evaporou a água. com
saudades da terra a água que virou ar derreteu-
se e voltou a ser água enamorada do chão. isso
sou eu em água salobra, eu e as circunstâncias
da vida, a vida que fiz e a vida que me fez (tudo
junto e misturado).

"... seu livro é uma coleção de orelhas achadas no garimpo de um rio, como conchas que você escuta para ouvir os mares".

xico chaves

"... a língua do mundo só se renova e se refresca dos condicionamentos da comunicação cotidiana quando manipulada pela sensibilidade do artista. ao trabalhar a língua do mundo na forja do poético o poeta sugere novas possibilidades de leitura do mundo".

álvaro marins

